

**Diálogo Latinoamericano sobre Sexualidad y Geopolítica - Observatorio de Sexualidad y Política- Rio de Janeiro, Agosto/2009.**

**SESIÓN 3: SEXUALIDAD Y ECONOMÍA: VISIBILIDADES Y VACÍOS**

**Migración y sexualidad: de Brasil a Europa – Adriana Piscitelli (Brasil)**

A tarefa que me foi encomendada foi falar sobre migração e sexualidade nos fluxos migratórios entre Brasil e Europa. Fiquei em dúvida sobre qual seria o melhor recorte para falar sobre o tema contribuindo na reflexão sobre visibilidades e vazios na relação entre sexualidade e economia. No debate público o aspecto que tem mais **visibilidade** certamente é a prostituição, quase indissociavelmente vinculada ao tráfico internacional de pessoas e englobada por essa problemática. Porém, após ter lido o texto panorâmico preparado para esta sessão por Ana Paula e Thaddeus, optei por centrar-me nos fluxos de brasileiras que viajam para trabalhar na indústria do sexo na Espanha, porque esse recorte possibilita considerar alguns dos pontos que eles levantam, a partir de outro contexto.

O texto panorâmico está organizado em torno da racionalidade econômica vigente na prostituição, levando em conta a perspectiva das trabalhadoras sexuais e a dinâmica da indústria do sexo. Sigo aqui essas linhas para tratar de 3 pontos: 1) os aspectos envolvidos na opção para migrar com o objetivo de oferecer serviços sexuais no exterior 2) a lógica e dinâmica da indústria do sexo espanhola e 3) como a estruturação dessa indústria afeta as condições de trabalho das brasileiras no exterior.

O principal material que tomo como referência foi colhido ao longo de 7 meses de um trabalho de campo, realizado em uma abordagem antropológica, em diferentes momentos entre novembro de 2004 e abril de 2009, em Barcelona, Madri, Bilbao e Granada<sup>1</sup>, sobre os aspectos econômicos, políticos e culturais vinculados a esse tipo de deslocamentos. Essa pesquisa podia ter sido realizada em algum outro país europeu. Mas, quando comecei a trabalhar com esse tema, Espanha era considerada um dos principais espaços de tráfico sexual de brasileiras e essa era uma questão que me

---

<sup>1</sup> Ele incluiu observação em espaços destinados à oferta desses serviços na rua, apartamentos e clubes e entrevistas em profundidade com quatorze mulheres e cinco transgêneros brasileiras que tem oferecido serviços sexuais nessas cidades; com duas brasileiras integradas nas redes de relações dessas entrevistadas, mas que não prestam serviços sexuais e com cinco clientes espanhóis. Essas entrevistas foram realizadas em espaços nos quais se oferecem serviços sexuais e, em momentos de lazer das pessoas entrevistadas, em cafés e bares, e em suas casas. A maior parte delas foi registrada em gravador, com o consentimento das entrevistadas. O trabalho de campo envolveu também entrevistas informais com quatro proprietários de estabelecimentos destinados à prostituição e entrevistas em profundidade com vinte e oito agentes vinculados a entidades de apóio a migrantes e/ou a trabalhadoras/as do sexo, ao representante de legal da Asociación Nacional de Clubs de Alterne (ANELA), em Barcelona, funcionários dos Consulados do Brasil em Barcelona e Madri e a *Comisaría de Extranjería*. A pesquisa incluiu a análise de fontes e material secundário, dados estatísticos sobre migração, pesquisas acadêmicas e relatórios sobre prostituição, material da mídia, particularmente do jornal *El País*, e de um site espanhol destinado a clientes de prostitutas.

interessava elucidar. Durante a realização da pesquisa, contatei organizações vinculadas ao combate ao tráfico de pessoas e visitei abrigos para mulheres retiradas de situações de escravidão e trabalhos forçados em diferentes cidades. Nessas visitas não encontrei nenhuma brasileira, embora tenha ouvido relatos sobre a passagem de algumas pelos abrigos. Mas, essa não era a realidade das minhas entrevistadas, nenhuma das quais considera ter estado em situação de tráfico, embora várias viajassem a Espanha contraindo dívidas. Como complemento, utilizo material colhido em outras pesquisas que levantaram material sobre brasileiras que trabalharam na indústria do sexo em diversos países europeus e que retornaram ao Brasil como deportadas e não admitidas, através do aeroporto de Guarulhos, em São Paulo (Piscitelli, 2008; Secretaria Nacional de Justiça 2006; 2007).

### 1. *PRECISAR OU QUERER?*

A relação entre *precisar* e *querer* trabalhar como prostituta, delineada por Thaddeus e Ana Paula, sintetiza as principais idéias vigentes no debate sobre a motivação das prostitutas, particularmente no setor de “resgate”, também na Espanha. No debate público desse país, a idéia de *precisar* se funde com outra, a de que, em função da necessidade, as migrantes *são forçadas* a trabalhar na prostituição. A relação que minhas entrevistadas estabelecem entre esses termos é diferente. Em seus relatos *precisar* remete às desigualdades estruturais entre classes sociais e entre as nações do Norte e do Sul e é algo que atinge muita gente. Entretanto, o que as singulariza é o esforço investido para sair dessa situação. Assim, nas histórias de suas trajetórias o termo *precisar* é sempre vinculado também à idéia de *querer*, vinculada aos seus projetos de mobilidade social através de migração para trabalhar na indústria do sexo. Nos termos delas: “vim porque quis”; “faço programas porque quero”.

Compreender essas trajetórias requer levar em conta alguns aspectos. Em primeiro lugar, esses deslocamentos conformam uma modalidade de migração laboral. Em alguma das tantas reuniões com setores do governo brasileiro das quais participei sobre estes temas, um representante do Ministério da Saúde observou que a prostituição não pode ser associada à migração. Segundo ele, a migração envolve um projeto a médio ou longo prazo, mas as prostitutas circulam porque o deslocamento faz parte da natureza desse trabalho. Embora a circulação seja uma característica de certos setores do trabalho sexual, os deslocamentos internacionais para desempenhar esse trabalho fazem parte de um projeto migratório. Nesse sentido, vale lembrar as observações de Laura Agustín sobre como as idéias engessadas relativas à migração laboral dificultam a inclusão, nessa categoria, dos trabalhadores incorporados no mercado informal de trabalho, e mais ainda quando se trata do trabalho na indústria do sexo (Agustín, 2007).

Em segundo lugar, é necessário observar que o perfil sócio-econômico dessas entrevistadas coincide com o de parte importante dos brasileiros que migram aos países do Norte, que não remete aos estratos mais pobres da população. No debate público, as brasileiras que trabalham na indústria do sexo na Europa tendem a serem imaginadas como em “situação de vulnerabilidade”, isto é, muito jovens e pobres, negras, com baixíssima escolaridade, originárias dos estados mais carentes, sem um histórico de trabalho na indústria do sexo e com filhos, expostas a enganos pelas redes de tráfico na tentativa de sustentá-los. Mas, o perfil dessas entrevistadas não corresponde a essas idéias.

Ao sair do país, a maior parte delas integrava os setores baixos dos estratos médios, apenas duas faziam parte de classes sociais inferiores. Algumas estão na casa dos 20 anos, outras dos 30 anos e algumas chegaram ao país com mais de 40 anos. Para essas últimas a idade, considerada *avançada* no Brasil, estava tornando-se um empecilho para ganhar dinheiro mediante a oferta de serviços sexuais, um problema que driblaram mediante a migração. A escolaridade dessas mulheres não é elevada, apenas uma ingressou na universidade, mas na maioria dos casos supera a média de anos de estudo dos brasileiros<sup>2</sup>. Elas nasceram em estados pobres no Centro Oeste<sup>3</sup> e no Nordeste<sup>4</sup>, mas também nas regiões consideradas *ricas*, no Sudeste e no Sul<sup>5</sup> do Brasil e só duas deixaram filhos no Brasil. Em termos das classificações raciais vigentes no Brasil, a maioria se considera branca, apenas duas se percebem como mulatas ou morenas. A presença de mulheres que se consideram mais claras faz sentido considerando a lógica de organização dos nichos de prostituição ocupados pelas brasileiras na Espanha, onde há uma procura pela diversidade étnica e, ao mesmo tempo, uma aberta rejeição às mulheres negras.

Em terceiro lugar, nesse universo de entrevistadas, todas tinham trabalhado na indústria do sexo no Brasil. Esse ponto não é generalizável. Nas pesquisas realizadas no aeroporto, umas poucas entrevistadas, mulheres e travestis afirmaram nunca ter trabalhado na prostituição no Brasil, mas viajaram a Europa com o objetivo de fazê-lo (Secretaria Nacional de Justiça, 2006). Entretanto, o conjunto do material conduz a problematizar a idéia de que as brasileiras que oferecem serviços sexuais na Europa não trabalhavam nesse setor de atividade no Brasil.

Nas trajetórias das minhas entrevistadas, a prostituição foi a alternativa mais rentável no leque de opções de trabalho disponíveis para elas no Brasil. Elas iniciaram suas carreiras laborais em diferentes setores de atividade, no mercado formal ou

---

<sup>2</sup> De acordo com pesquisas baseadas em dados do IBGE (2007), em 2007, a média de anos de estudo da população em idade ativa era 7,3.

<sup>3</sup> Minas Gerais e Goiânia.

<sup>4</sup> Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte.

<sup>5</sup> Rio Grande do Sul e São Paulo.

informal. Foram babás, operárias, arrumadeiras de hotel, garçonetes, professoras, vendedoras, operárias, secretárias até micro-empresárias. Elas consideravam não ganhar dinheiro suficiente e compensador, em termos dos esforços realizados, motivo pelo qual ingressaram na indústria do sexo. Algumas trabalharam nela de maneira intermitente. Em alguns casos fizeram *programas*<sup>6</sup> durante breves períodos, com brasileiros e estrangeiros, no Rio de Janeiro e no universo frouxamente organizado do turismo sexual no Nordeste do Brasil. Outras, “profissionais”, sobreviveram exclusivamente da realização de *programas* por um período de vários anos, antes de migrar para Europa.

A maior parte das entrevistadas migrou com o objetivo de oferecer serviços sexuais, apenas uma delas saiu para trabalhar no serviço doméstico e optou por mudar o tipo de trabalho avaliando que obteria rendimentos superiores na indústria do sexo. Nos relatos, a prostituição aparece como a melhor possibilidade no exterior, uma vez que pode render 4 ou 5 vezes mais que os empregos abertos aos migrantes, sujeitos a graus extremos de exploração<sup>7</sup>. Nesse cenário, as entrevistadas sublinham as vantagens oferecidas pela prostituição, em termos de rendimentos e de liberdade de decidir sobre o tempo investido no trabalho:

Se eu for trabalhar aqui em outra coisa... Vai sobrar o quê para mim? Limpar chão... Eu nunca fiz isso na minha vida, então não entra na minha cabeça eu trabalhar de faxineira aqui... Ganha muito pouco. O problema é esse. Se ganhasse bem eu até varria a rua... mas trabalhar e ganhar 800, 900 euros? Não. Eu gosto de trabalhar na prostituição. Há pessoas que dizem que é um dinheiro fácil. Não é que é um dinheiro fácil. Mas, você tem mais oportunidade de conseguir mais dinheiro. Se você quer mais dinheiro, você trabalha mais horas. Nossa vantagem é que você é livre. Você faz o que você quer!<sup>8</sup>

Apenas uma das entrevistadas retornou ao Brasil quando expirou seu visto de turista, com a intenção de não retornar a Espanha. Mas, a comparação entre a dinâmica do mercado do sexo e os ingressos dele derivados em sua cidade natal, no Nordeste do Brasil e em Bilbao, onde tinha oferecido serviços sexuais, a fez decidir retornar à Espanha:

Comecei a olhar... o que você ganhava aqui e lá, e eu disse, não vale a pena [ficar no Brasil]... Um *programa* com um *gringo* você cobrava 100R\$ [US50], com brasileiro de 30 a 40R\$... E no Brasil você está toda a noite com um homem e aqui é 20 minutos... Se você está com uma pessoa que você não gosta, um velho barrigudo, passar a noite com esse homem vai ser um terror... E com vários homens não, você vê um mais bonito, um mais simpático, um mais bruto, vai

<sup>6</sup> Termo émico que alude à prostituição.

<sup>7</sup> Em 2004, um espanhol com baixo nível de escolaridade ou um migrante legal no setor de serviços, em Barcelona, recebia entre 6 e 8 euros por hora, enquanto um migrante irregular (independentemente de seu grau de escolaridade) recebia aproximadamente a metade (Juncks, 2004).

<sup>8</sup> Entrevista realizada em Barcelona, dezembro de 2004.

mudando... O que cansa é saber que você vai ter que passar uma noite com um homem por 100 reais, que é o máximo, sabendo que aqui numa noite você pode ganhar 3 mil, quase 4 mil reais, se você botar na cabeça, estou aqui para trabalhar e pronto.<sup>9</sup>

Independentemente da idade, da situação econômica da qual partiram e do nível de escolaridade atingido, elas decidiram migrar para trabalhar na indústria do sexo com uma forte percepção das reduzidas expectativas de *melhorar de vida* no Brasil. Nesse sentido, a consciência de sua “vulnerabilidade” social no país operou como motor para traçar projetos migratórios na procura de melhores oportunidades. Certamente os aspectos econômicos foram determinantes na elaboração desses projetos, mas isso não significa aludir a uma situação miserável no Brasil. Como no caso de outros migrantes brasileiros, se trata, sobretudo, da falta de possibilidade que elas sentem em termos de traçar um *futuro*. De acordo com uma entrevistada:

Para mim sair do meu país, para trabalhar para comer? Para comer eu tenho no meu país. Não precisa. Não precisa estar longe da minha família para comer. Aí no Brasil se você planta uma mandioca, se você cria uma galinha, você come. Não é fome. É você tentar fazer algo... Eu sempre me preocupei muito com o amanhã. Quando eu estiver com 60 anos<sup>10</sup>.

Como no caso de outros migrantes que viajam para países do Norte, porém, as motivações econômicas são centrais, mas não são fatores exclusivos. A glamorização da Europa, a ilusão de viajar e conhecer outros lugares também faz parte das narrativas das várias entrevistadas.

## 2. A INDÚSTRIA DO SEXO NA ESPANHA

As possibilidades de inserção dessas migrantes na indústria do sexo na Espanha estão associadas a vários aspectos da organização desse setor em um momento específico, marcado pela importância adquirida pela migração internacional. As dinâmicas do trabalho sexual nesse país mantêm relação com o estatuto legal concedido à prostituição, mas também com as atuais leis migratórias e com os critérios dos empresários que tendem a privilegiar, dentro de certos limites, a diversidade étnico/nacional na oferta.

Na Espanha, a partir da década de 1990, em um movimento de internacionalização de mão de obra que atingiu diversos setores de atividade, a indústria do sexo passou a ocupar estrangeiras de diversos lugares do mundo. Esse setor de atividade, diversificado, inclui linhas telefônicas eróticas, *peep shows*, espaços de espetáculo erótico, a Internet, locais de *strippers*, e os serviços sexuais acordados em

<sup>9</sup> Entrevista realizada em Bilbao, dezembro de 2004.

<sup>10</sup> Entrevista realizada em Barcelona, dezembro de 2004.

bares, nas estradas, rua, clubes e apartamentos. Os *pisos* divergem em sua organização, tamanho, no “nível”, expressado nos valores dos serviços e na população que neles trabalha: alguns ocupados exclusivamente por mulheres, outros por “trans”<sup>11</sup>, alguns por trabalhadoras do sexo de uma mesma nacionalidade enquanto outros apostam na diversificação étnica. Os clubes concentram boa parte da oferta de serviços sexuais no país<sup>12</sup>. Entre eles há uma ampla diversidade, desde estabelecimentos “tradicionais”, relativamente pequenos, cujo lucro provém da venda de bebidas e/ou de receber um percentual dos serviços prestados e os novos *hotéis-plaza*, maiores, organizados com “filosofia empresarial”, nos quais podem trabalhar até 150 mulheres, ocupando vagas por períodos de 21 dias. O lucro dos proprietários reside no valor que as mulheres pagam pela utilização do hotel e a alimentação (Pons, Rodríguez e Veja, 2002; Pons, 2003).

Na primeira metade da década de 2000, no âmbito das pressões da União Européia no que tange à repressão da migração irregular e do tráfico internacional de pessoas, as leis espanholas relativas à prostituição e aos migrantes foram modificadas ao mesmo tempo (Cortes Generales, 2007)<sup>13</sup>. A confluência entre os dois conjuntos de novas leis faz com que a presença massiva de estrangeiras na indústria do sexo, freqüentemente irregulares, seja lida de maneira quase automática como vinculada a atividades delitivas. E essa relação é recorrentemente traduzida através da noção de tráfico internacional de pessoas.

Em 2006, no marco da disseminação de idéias alarmantes sobre a dimensão da prostituição na Espanha, uma Comissão do Congresso e do Senado abriu um debate sobre o reconhecimento da prostituição como trabalho que concluiu com a solicitação de não regulamentar a prostituição por se tratar de “exploração sexual, uma violência contra as mulheres, majoritariamente estrangeiras, vinculada ao tráfico de pessoas”. Ao contrário, foi proposto um plano de luta contra a exploração sexual. Paralelamente, governos municipais de diversas cidades intensificaram o combate à prostituição de rua. Essas medidas, associadas a controles da Polícia de Estrangeiros, redundam na

---

<sup>11</sup> Termo utilizado na Espanha para designar transgêneros que, no Brasil, são denominadas de travestis.

<sup>12</sup> De acordo com o informe da Guardia Civil, em 2005, 80% da prostituição feminina tinham lugar em clubes localizados em rodovias, apenas 20% teriam lugar em espaços urbanos, em “pubs”, apartamentos, como acompanhantes, e na rua (Policía Judicial, 2005)

<sup>13</sup> No Código Penal de 1995, o exercício da prostituição envolvendo adultos sem mediar coação não era considerado delito. O proxenetismo era penalizado, mas só era considerado como tal o lucro obtido como resultado de coação, engano ou abuso de poder (Mestre, 2004). Nas reformulações, a obtenção de lucros da prostituição, mesmo envolvendo maiores de idade que agem de maneira voluntária, passou a ser delito e, de acordo com a Ley de Extranjería (art. 318 bis), é crime favorecer a imigração ilegal, com agravantes se o fim for a exploração sexual, e mais ainda se houver coação (Cantarero, 2007).

aplicação de multas a clientes e prostitutas e na deportação daquelas em situação migratória irregular.

Os efeitos desse debate envolvem a intensificação do tom moral nas campanhas contra a prostituição, que responsabilizam os clientes, o incremento da vulnerabilidade das pessoas que oferecem serviços sexuais na rua, vinculada à intimidação da polícia e alterações na organização da indústria do sexo. Nesse processo, a prostituição de rua parece ser absorvida por espaços fechados, *clubes* e, particularmente, apartamentos. Esses últimos passaram a concentrar ainda mais migrantes irregulares porque trabalhar e morar neles proporciona uma relativa segurança para quem está *sem papéis*.

As mulheres latino-americanas, entre elas as brasileiras, são particularmente visíveis em alguns nichos da indústria do sexo. Embora algumas trabalhem na rua, elas tendem a concentrar-se em espaços fechados, *pisos* e clubes de diferentes tamanhos, muitas vezes disputando clientes com mulheres do Leste europeu (russas, romenas, da antiga Iugoslávia, tchecas) e com colombianas, venezuelanas, cubanas. Os empresários consideram que as brasileiras, assim como outras latino-americanas de regiões “tropicalizadas”, com *o sexo a flor da pele*, tem saída no mercado. Elas não seriam necessariamente as favoritas dos clientes que preferem maior grau de profissionalismo, que optariam pelas mulheres do Leste, mas, desde o ponto de vista dos empresários, teriam a vantagem de serem autônomas, isto é, chegarem por conta própria, sem os problemas ocasionados pelas máfias que controlam mulheres de outras nacionalidades aos donos de clubes e apartamentos.

### 3. CONDIÇÕES DE TRABALHO

As condições do trabalho na indústria do sexo na Espanha variam em função do nicho ocupado, do tipo e “nível” do estabelecimento e também da região do país na qual se trabalha. A possibilidade de escolher entre essas variações depende de diversos aspectos entre os quais se destaca o estatuto migratório das pessoas que oferecem serviços sexuais.

As únicas modalidades de trabalho que não retêm percentuais dos rendimentos são a oferta de serviços sexuais na rua e a divisão igualitária do aluguel de um apartamento. Essa última situação tende a ser de difícil acesso para as entrevistadas, a maioria das quais não está em situação migratória regular. Nas demais modalidades há retenções, geralmente 50% do valor do *programa* nos apartamentos, a diária de 40 a 60 euros nos clubes hotéis e parte do *programa* nos clubes menores. Essas retenções podem ou não ser vistas como exploração pelas entrevistadas.

É importante observar que entre elas, a “exploração”, uma noção imprecisa no Protocolo de Palermo, é puramente econômica. Tendo tido no Brasil a experiência de trabalhos pouco remunerados e a retenção de percentuais em diferentes setores de

atividade, fora e dentro da indústria do sexo, e percebendo a relação entre o trabalho e o salário pago aos migrantes estrangeiros na Espanha, a maioria considera exploração a retenção excessiva de parte dos ingressos, o *abuso* em termos financeiros. Outras consideram exploração a retenção de qualquer percentual. Nesse quadro se insere a dívida que várias contraíram com os proprietários dos clubes espanhóis para viajar. Considerada uma fase no processo migratório, a dívida geralmente é vista como exploração quando é “excessiva”. Em suas impressões, esse é o caso das migrantes nigerianas, que pagam entre 30.000 ou 40.000 euros e também das travestis brasileiras, cujas dívidas superam os 10.000 euros, mas dificilmente é associada às situações que elas viveram. Em suas experiências as dívidas, no máximo, triplicaram o valor da passagem e foram pagas em um par de meses de trabalho, em condições em que as entrevistadas eram “olhadas”, mas não aprisionadas.

Apesar das retenções, algumas entrevistadas almejam trabalhar em apartamentos, particularmente os mais sofisticados, caros, intensamente procurados pelos clientes, que oferecem rendimentos relativamente estáveis e são tidos como muito seguros. Contudo, esses locais só admitem garotas com certos estilos de corporalidade, apreciados pelos clientes espanhóis de estratos médios e altos, e, sobretudo, *com papéis*. Os clubes são mais flexíveis em termos do estatuto migratório. Quando oferecem condições “adequadas”, eles são apreciados por entrevistadas mais jovens devido aos rendimentos, em torno dos 5000 euros mensais no período anterior à atual crise econômica, e à possibilidade de sociabilidade com outras garotas das mesmas idades:

Tem dia que você pode fazer 3 ou 4 programas, tem dia que você faz 5, 6... Eles cobravam 40 euros a diária. Se você fizesse 300, 400, 500 euros, era seu. Eu cheguei a fazer 400. Mas, eu não era aquela menina que dizia, eu vou para isso. Porque para mim era até uma diversão, tenho umas amigas e sempre falamos disso, que a gente perdeu muito dinheiro porque sentava e passava toda a noite conversando... Quanto eu consegui levar?... Eu joguei fora muito dinheiro nas folgas... A gente ia, viajava, ficava em hotéis bons, táxi, e é disso que eu me arrependo, de não ter aproveitado mais.<sup>14</sup>

A idéia de condições adequadas envolve aspectos que se combinam de maneiras diferenciadas: horas de trabalho, liberdade para escolher o número e até a etnicidade dos clientes, e graus de segurança e exploração. A comparação realizada por uma entrevistada entre os dois clubes nos quais trabalhou, o primeiro em Andaluzia e o segundo na Catalunha, dá uma idéia dessas percepções:

No clube de Almeria os clientes eram, na maioria, ciganos e marroquinos, que para nós são os piores clientes, porque põem faca no pescoço das garotas... [No clube de] Barcelona, a segurança era maior e os clientes, espanhóis e turistas

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada em Bilbao, novembro de 2004.

estrangeiros, mais tranquilos. Mas, me exploravam, pagava pela cama 450 euros ao mês e dividia o quarto com três garotas; não podia usar o celular para pedir comida, a gerente pedia e cobrava um absurdo, 20 euros por uma pizza pequena. No clube de Almeria a exploração era menor, saíamos para comprar nossa comida.

As retenções de um percentual dos rendimentos são rejeitadas por mulheres que optam pelo trabalho na rua. Segundo elas, apesar de cobrarem por um *programa* quase a metade do valor que teria em um clube, seus rendimentos são equivalentes porque não sofrem deduções. Além disso, consideram que o trabalho na rua oferece outras vantagens: possibilidade de auto-regulação do horário e do tempo investido no trabalho e de manter contatos sociais fora dele. De acordo com uma entrevistada que trabalhou em um clube e atualmente oferece serviços sexuais na rua em Barcelona e ganhava em torno de 4000 euros mensais no período anterior à crise, quando seus rendimentos caíram pela metade:

Já trabalhei em Clube... e não é bom. Porque tem que trabalhar à noite, eu não gosto. São *plazas*<sup>15</sup> por 21 dias seguidos. Nesses dias você não vê ninguém, porque chega cansada pela manhã, dorme e depois vai para o clube de novo. Tem que beber... com os homens. Tem que ser muito simpática, estar sempre disposta a conversar, e isso eu não estou sempre. Prefiro esta vida. Trabalho de dia, posso encontrar amigos e, se quero, deixo meu lugar do trabalho, vou olhar vitrines. E, no fundo, no clube não se ganha mais. Porque ganha mais, mas tem que deixar mais dinheiro também, porque tem que pagar pela vaga. Eu prefiro a rua... tem muito lugar na rua que é bom para ganhar dinheiro... na média de 4 mil euros, todo mês ... Mulher com mais idade não ganha dinheiro dentro de clube... Às vezes se eu não quero vir trabalhar eu não venho. Mas como a gente tem um objetivo... juntar dinheiro para mandar para o Brasil, para você fazer as suas coisas, pois então você cria um horário para você.

A violência faz parte das preocupações dessas mulheres. A violência por parte dos clientes existe e atingiu de maneira dramática a uma das entrevistadas, que quase perdeu a vida, quando optou por trabalhar em um apartamento sem nenhuma classe de segurança para liberar-se da exploração dos clubes. Entretanto, a violência à qual elas aludem de maneira mais recorrente é ao dano físico e moral nas mãos da polícia migratória. Ela é evocada, com raiva e medo, nos relatos das ações anti-tráfico, consideradas como mecanismo para reforçar a malha tecida pelo governo espanhol com o objetivo de facilitar a deportação das migrantes irregulares, particularmente daquelas mais facilmente localizáveis, as que prestam serviços sexuais na rua.

Uma parte do universo de entrevistadas, aproximadamente 1/3, considera que teve sucesso no projeto de ascensão econômica através da migração para trabalhar na indústria do sexo. Esse sucesso se expressa na compra e reforma de imóveis no Brasil, também de terras e gado, em um standard de vida e consumo superiores ao que tinham

---

<sup>15</sup> Vagas

no Brasil e no envio regular de remessas para os integrantes da família que permaneceram no país. Das poucas entrevistadas que casaram com espanhóis, apenas uma deixou o trabalho na prostituição, mas, neste universo, o casamento não aparece como um objetivo econômico, pode render *papéis*, ou ser *por amor*. Em termos gerais, o casamento é visto como um problema para o exercício do trabalho, portanto, a maioria prefere “namorar”. É importante observar que a leitura positiva das experiências migratórias extrapola os ganhos materiais, incluindo a ampliação do universo cultural, a criação de autonomia e o ensaio de novas posições de gênero. Nos termos de duas entrevistadas:

Você fazendo a prostituição aqui você aprende muita história, muita cultura diferente. A mim me encanta. Porque você convive também com os franceses, com os ingleses, com alemães, com os gregos... Quando eu vim para cá, por exemplo, é como se estivesse assim abrindo o mundo, entende? Que no Brasil você não se dá conta disso.

Que agora não vou querer ter só um homem... Que a gente lava passa cuida e eles sempre estão atrás de busca de outras. Não, eu agora quero que ele lave, passe e eu usar. Agora minha cabeça mudou, eu agora já disse a ele, agora aquela que tu conheceu é outra. Agora quem dá as cartas sou eu<sup>16</sup>.

As entrevistadas consideram o trabalho na indústria do sexo como algo que faz sentido principalmente devido aos elevados rendimentos. Quando eles decrescem, a atividade perde seu valor. Em 2009, todas as entrevistadas percebem que seu trabalho na prostituição foi afetado pela conjunção entre as disposições municipais que reprimem a prostituição, perseguindo clientes e prostitutas, e a crise econômica, reduzindo à metade ou à menos da metade seus rendimentos. Nesse cenário, o trabalho na indústria do sexo aparece como mais efêmero que o projeto migratório. As entrevistadas que obtiveram os “papéis” e certa inserção social não abrem mão desse projeto migratório, mas começam a optar por empregos em outros setores de atividade, com complementações muito ocasionais obtidas através de serviços sexuais.

#### CONCLUSÕES:

No marco de uma discussão que, tanto no Brasil como na Europa, apaga as experiências das trabalhadoras do sexo com o discurso do tráfico de pessoas, as narrativas dessas entrevistadas contribuem para preencher esse vazio. Esses relatos mostram diversas dimensões de agência que remetem, com maior ou menor grau de sucesso, à construção de projetos de mobilidade social e de ampliação de seus

---

<sup>16</sup> Entrevistas realizadas em Barcelona, em novembro de 2004.

universos. Contudo, neste caso, não se trata apenas de trabalhar na indústria do sexo, mas de projetos migratórios nos quais o trabalho sexual é uma estratégia.

A compreensão das trajetórias dessas pessoas no exterior, de suas possibilidades e condições de trabalho requer levar em conta essa conjunção, pois elas estão marcadas simultaneamente por suas posições como migrantes do Sul e como prostitutas. Nessa articulação, a vivência da violência adquire outros matizes e a exploração econômica outras conotações. Ao mesmo tempo, nesse universo, o trabalho sexual pode operar, talvez com mais frequência que para as trabalhadoras sexuais no Brasil e com maior intensidade que entre migrantes dedicados a outras atividades, como upgrade econômico e também social.

### **Bibliografia:**

AGUSTÍN, Laura (2007): Sex at the margins. Migration, labour, markets and the Rescue industry, London, Zed Books.

CANTARERO, Joan. 2007. *Los amos de la prostitución en España*. Barcelona: Ediciones BSA.

CORTES GENERALES, Comisión Mixta de los derechos de la Mujer y de la Igualdad de Oportunidades. *Informe de la ponencia sobre la prostitución en nuestro país* (154/9), aprobada en sesión del 13 de marzo de 2007.

JUNCKS, Kátia Regina: (2004) La formación histórica de la clase obrera en la Barcelona del siglo XXI. Un pequeño diálogo con E.P. Thompson. Tesina, Universidad Autónoma de Barcelona.

IBGE: Micro-dados da PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, 2007. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/default.shtm>, consultado em agosto de 2008

PISCITELLI, Adriana (2007) “Brasileiras na indústria transnacional do sexo”, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 7, <http://nuevomundo.revues.org/document3744.html>

PISCITELLI, Adriana (2009) Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial, in: *Horizontes Antropológicos*. V 31, pp. 131- 137.

PISCITELLI, Adriana (2009) As fronteiras da transgressão, a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha, *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n 1, pp. 177-201, in: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/SexualidadSaludSociedad>

PISCITELLI, Adriana (2007) “Sujeição ou subversão? migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha”, *Universidade Federal de Uberlândia. N°35, 1 Agosto-Dezembro de 2006*, <http://www.historiaperspectivas.inhis.ufu.br/>.

PISCITELLI, Adriana (2007) “Corporalidades em confronto: gênero e nacionalidade no marco da indústria transnacional do sexo”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 22, n° 64, junho 2007; pp. 17-33.

PONS, Inaci, RODRÍGUEZ, Roser e VEGA, Sonia. (2002), Trabajo Sexual, Informe Cataluña, Departamento de Sociología i Análisis de las Organizaciones, Universidad de Barcelona, datilo.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA (2007). Pesquisas em Tráfico de Pessoas, parte 3. Tráfico internacional de pessoas e tráfico de migrantes entre deportados (as) e não admitidos (as) que

regressam ao Brasil via o aeroporto internacional de Guarulhos. Brasília, Secretaria Nacional de Justiça/OIT, (coord. técnica: Adriana Piscitelli).

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. 2006. “Pesquisas em Tráfico de Pessoas, parte 2, Relatório Índicios de tráfico de pessoas no universo de deportadas e não admitidas que regressam ao Brasil via o aeroporto de Guarulhos.” Brasília: Ministério da Justiça. (coord. técnica: Adriana Piscitelli).